

O que é narcisismo religioso

“Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.”

TIAGO 4.6 · NAA

Bispo Ildo Mello

Leitura prévia: 2Tm 3.1-5; Rm 1.21-25; Rm 12.3; 1Sm 15.10-23; 2Cr 26.16-21; Dn 4.28-37; At 8.9-24; At 12.20-23

PARA COMEÇAR

Perguntas que não podemos evitar

É possível falar muito de Deus e continuar profundamente voltado para si mesmo? Alguém pode dedicar a vida à igreja e, ao mesmo tempo, usar a religião para conquistar admiração e controlar os outros? Como distinguir a firmeza pastoral do autoritarismo? E como examinar tudo isso sem transformar o discernimento em acusação precipitada?

Essas perguntas não são novas. A Bíblia trata com muita seriedade do uso da religião para promover a própria importância, e a resposta que ela dá passa pelo arrependimento pessoal, mas não para aí: alcança também o modo como a comunidade exerce a autoridade e cuida das pessoas. Como o centro da vida cristã é o amor a Deus e ao próximo, na forma em que o vemos no caráter de Jesus, é por esse centro que toda prática religiosa, inclusive a minha e a sua, precisa ser medida.

Este curso tem sete aulas. Nesta primeira, procuro esclarecer o que estou chamando de narcisismo religioso e o que não estou, olhar cinco retratos bíblicos desse orgulho que se veste de religião e ler dois textos de Paulo que dão ao problema o seu nome teológico: a forma de piedade sem poder e a idolatria de si mesmo. As aulas seguintes percorrem o fariseu e o publicano, a devoção que quer ser vista, os primeiros lugares de Mateus 23, Diótrefes, os pastores de Ezequiel 34, os textos sobre autoridade, a resposta da graça e, por fim, o que o Manual da Igreja prevê para que a comunidade cuide de todos.

CUIDADO PASTORAL

Uma advertência antes de começar. Este curso não é um teste para rotular pessoas, nem uma arma contra pastores, nem um escudo para eles. É um exame que começa em quem o faz. Se em algum momento você se surpreender pensando "isso descreve exatamente fulano", pare e pergunte primeiro se não descreve também você. Foi assim que eu o escrevi, e é assim que peço que ele seja lido.

Como usar esta aula. Leia antes as passagens da leitura prévia, que estão no alto da página. O texto traz as passagens principais por inteiro, na Nova Almeida Atualizada, e alguns casos para conversar. No fim há cartões de memorização, uma avaliação com comentário em cada alternativa, perguntas para reflexão com resposta sugerida e o texto em PDF, para quem prefere ler no papel ou usar em grupo.

DEFINIÇÃO

O que estamos chamando de narcisismo religioso

A expressão não aparece na Bíblia. Antes de usá-la, é preciso dizer o que ela designa e, com o mesmo cuidado, o que ela não designa.

Uso a expressão para designar um padrão de atitudes em que a pessoa se serve da fé, do conhecimento bíblico, da posição eclesial ou da imagem de santidade para sustentar a própria superioridade, obter admiração e manter o controle sobre os outros. Note as três finalidades: superioridade, admiração e controle. A religião continua presente, às vezes com muito fervor. O que mudou foi o lugar que a própria pessoa passou a ocupar nela.

O nome vem do mito grego de Narciso, o jovem que se apaixonou pela própria imagem refletida na água e morreu contemplando-a. A psicologia tomou o nome emprestado, e a linguagem comum o espalhou. Nós o usamos aqui com um sentido moral e espiritual bem delimitado, sem pretensão clínica.

Três coisas que não podem ser confundidas

1 Manifestações de orgulho

Aparecem em qualquer cristão, a começar por mim. Precisam ser confrontadas com a Palavra, e o remédio é o arrependimento e a graça. Um episódio de vaidade não faz de ninguém um narcisista.

2 Padrões persistentes de manipulação e abuso espiritual

Não são um deslize, mas um modo repetido de tratar as pessoas. Exigem duas coisas ao mesmo tempo: proteção para quem sofre e responsabilização para quem pratica. As aulas 3, 4 e 5 tratam disso.

3 O transtorno de personalidade narcisista

É uma condição de saúde mental, e a sua identificação depende de avaliação clínica feita por profissional. A Associação Americana de Psiquiatria o descreve como um padrão abrangente de grandiosidade, necessidade de admiração e dificuldade de empatia. Uma discordância, uma decisão firme ou um episódio de vaidade não bastam para caracterizá-lo.

Por isso não vamos diagnosticar personagens bíblicos nem oferecer um teste para rotular pessoas. O que nos interessa é o comportamento moral e espiritual que as Escrituras descrevem e condenam. Pela mesma razão, não devemos reduzir uma condição de saúde mental a uma explicação exclusivamente moral, nem supor que toda pessoa que recebeu esse diagnóstico pratique abuso religioso.

Dignidade não é orgulho

Também não se trata de negar o valor de ninguém. Fomos criados à imagem de Deus: "Assim Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou" (Gn 1.27). E Paulo, ao advertir contra a autoexaltação, não pede que ninguém se anule; pede medida: "digo a cada um de vocês que não pense de si mesmo além do que convém. Pelo contrário, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um" (Rm 12.3). O problema começa quando a própria importância se torna a medida de todas as relações, de modo que Deus passa a ser invocado para confirmar as minhas pretensões e as pessoas passam a valer conforme me admiram ou me servem.

A pergunta inicial

O que acontece comigo quando não sou reconhecido, quando outro recebe o destaque que eu esperava ou quando alguém demonstra que eu estava errado? Guarde essa pergunta para a semana inteira. Ela volta nas reflexões do fim da aula e atravessa o curso.

A BÍBLIA CONHECE O FENÔMENO

O orgulho que se veste de religião: cinco retratos

A Bíblia não usa a palavra narcisismo, mas conhece muito bem o que ela descreve. Cinco homens, em épocas diferentes, mostram o mesmo movimento: a bênção recebida vira monumento a si mesmo.

1 Saul: o monumento e os sacrifícios

Depois de desobedecer à ordem do Senhor, Saul "levantou para si um monumento" (1Sm 15.12) e explicou a desobediência com religião: o gado poupado seria para sacrificar. Samuel lembrou de onde ele viera: "mesmo sendo pequeno aos seus próprios olhos, você foi colocado por cabeça das tribos de Israel" (1Sm 15.17), e deu a sentença que vale para todo culto usado como cobertura: "o obedecer é melhor do que o sacrificar" (1Sm 15.22). O rei que era pequeno aos próprios olhos passou a ser grande demais para ouvir.

2 Uzias: o sucesso e a indignação

Uzias foi um rei bom por décadas, "até se tornar muito poderoso" (2Cr 26.15). Então o texto marca a virada: "depois que Uzias se tornou poderoso, o coração dele se exaltou para a sua própria ruína" (2Cr 26.16). Ele entrou no templo para queimar incenso, função que não era sua. Oitenta sacerdotes o confrontaram, e a reação dele é o detalhe mais revelador da história: "Uzias se indignou" (2Cr 26.19). A lepra apareceu na testa no exato momento da indignação. Quem se enfurece ao ser corrigido já respondeu à pergunta que a correção fazia.

3 Nabucodonosor: a cidade que "eu construí"

Passeando no terraço do palácio, o rei disse: "Não é esta a grande Babilônia que eu construí para a casa real, com o meu grandioso poder e para glória da minha majestade?" (Dn 4.30). Antes de terminar a frase, veio a voz do céu. Sete tempos depois, o mesmo homem escreveu a confissão que fecha o capítulo: "Ele tem poder para humilhar os orgulhosos" (Dn 4.37). A história de Nabucodonosor é a mais dura e a mais esperançosa das cinco, porque termina em restauração.

4 Simão: o dom como instrumento de prestígio

Em Samaria, Simão "dizia ser alguém muito importante" (At 8.9), e o povo o chamava de "o Grande Poder". Ele creu e foi batizado, mas, ao ver o Espírito concedido pela imposição das mãos dos apóstolos, quis comprar a capacidade de fazer o mesmo. Não queria o dom; queria ser visto dando o dom. Pedro leu o coração: "o seu coração não é reto diante de Deus" (At 8.21). E, mesmo assim, abriu a porta: "arrependa-se desse mal e ore ao Senhor" (At 8.22).

5 Herodes: a adoração aceita

Vestido de traje real, Herodes discursou, e o povo gritou: "É voz de um deus, e não de um homem!" (At 12.22). Ele não corrigiu ninguém. Lucas registra a causa da morte com precisão: "por ele não haver dado glória a Deus" (At 12.23). Aceitar a adoração é o último degrau de uma escada que começa bem antes, em pequenos elogios não devolvidos a Deus.

O que os cinco têm em comum não é a falta de religião. Saul sacrificava, Uzias queria queimar incenso, Simão fora batizado, Herodes falava a um povo religioso, e o próprio Nabucodonosor tinha visto o Deus de Daniel agir. O que eles têm em comum é o movimento: aquilo que receberam virou monumento a si mesmos, e a religião passou a ser cobertura ou instrumento. Note também onde a graça aparece: Nabucodonosor foi restaurado, Simão ouviu um chamado ao arrependimento, e a Uzias foi dado tempo de viver, ainda que fora do templo. A porta nunca se fechou antes da hora.

CASO PARA CONVERSAR

Um líder de louvor recebe elogios depois do culto e responde, como sempre, "a glória é de Deus". Na semana seguinte, outro músico conduz o louvor e é muito elogiado. O primeiro passa a criticar em particular a escolha das canções, a afinação e a "falta de unção" do colega. O que a segunda semana revela sobre a frase da primeira? Em qual dos cinco retratos essa história cabe melhor?

2 TIMÓTEO 3.1-5

A forma de piedade sem o poder

Paulo descreve os "tempos difíceis" dos últimos dias com uma lista de dezenove traços. Ela começa no egoísmo e termina numa religiosidade de fachada.

¹ Mas você precisa saber disto: nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis.

² Pois os seres humanos serão egoístas, avarentos, orgulhosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios,

³ sem afeição natural, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem,

⁴ traidores, atrevidos, convencidos, mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus,

⁵ tendo forma de piedade, mas negando o poder dela. Fique longe também destes.

2 Timóteo 3.1-5 · NAA

A lista começa justamente pelos "egoístas", e não é por acaso. Todos os traços seguintes derivam desse primeiro: avarentos, orgulhosos, arrogantes, ingratos, sem afeição natural, sem domínio de si, cruéis, convencidos, mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus. O que mais chama a atenção, porém, é o fecho: tudo isso convive com a "forma de piedade". O apóstolo não está falando de gente sem religião, mas de uma religiosidade cuja expressão exterior não corresponde a uma vida transformada.

Note-se que Paulo termina mandando Timóteo ficar longe dessas pessoas: "Fique longe também destes." Isso mostra que elas já estavam no horizonte do jovem pastor, em Éfeso, no primeiro século. A passagem, portanto, não serve apenas para denunciar uma geração futura. Ela tem aplicação presente e começa pelo exame da nossa própria comunidade.

A forma

Culto frequentado, vocabulário correto, cargos, jejuns, ofertas, versículos decorados, aparência de santidade. Nada disso é mau em si. Tudo isso pode existir sem o poder.

O poder

A vida transformada pelo Espírito: domínio próprio, afeição, gratidão, verdade, amor a Deus acima dos prazeres. É exatamente o que a lista de Paulo diz que falta, item por item.

Uma leitura útil é ler a lista de trás para a frente. Cada traço negativo aponta para o fruto que o Espírito produz em quem se rende a ele (Gl 5.22-23): onde Paulo escreve "sem domínio de si", o Espírito produz domínio próprio; onde escreve "implacáveis", o Espírito produz mansidão; onde escreve "ingratos", produz gratidão. A aula 6 voltará a esse ponto, porque a resposta ao narcisismo religioso não é uma técnica de humildade, mas o poder que a forma nega.

ROMANOS 1.21-25

Idolatria de si mesmo

Do ponto de vista teológico, o narcisismo religioso é uma forma de idolatria: a criatura ocupando o lugar do Criador, com vocabulário inteiramente cristão.

²¹ Porque, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, e o coração insensato deles se obscureceu.

²² Dizendo que eram sábios, se tornaram tolos

²³ e trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens semelhantes ao ser humano corruptível, às aves, aos quadrúpedes e aos répteis.

²⁴ Por isso, Deus os entregou à impureza, pelos desejos do coração deles, para desonrarem o seu corpo entre si.

²⁵ Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito para sempre. Amém!

Romanos 1.21-25 · NAA

Paulo descreve o movimento em três tempos: conhecer a Deus e não o glorificar como Deus (v. 21), trocar a glória do Deus incorruptível por imagens da criatura (v. 23) e, por fim, adorar e servir a criatura em lugar do Criador (v. 25). Quando a criatura em questão sou eu mesmo, o resultado é o que estamos chamando de narcisismo religioso. Os afetos e as relações se desordenam, exatamente como o texto diz, porque tudo passa a girar em torno de um centro errado.

No ambiente religioso, essa inversão pode acontecer sem que o vocabulário deixe de ser cristão. A pessoa atribui os seus êxitos a Deus e, ainda assim, recebe toda crítica como ofensa intolerável; defende a santidade e, ao mesmo tempo, considera-se dispensada das regras que cobra dos outros; fala de servir e organiza tudo para ser servida. A incoerência costuma aparecer no momento em que a verdade cobra um preço pessoal.

CASO PARA CONVERSAR

Um pastor conduz uma campanha de arrecadação exemplar e, ao apresentar o resultado, repete várias vezes que "a glória é de Deus". Semanas depois, um membro pergunta em reunião como o dinheiro foi aplicado. O pastor responde que a pergunta é falta de fé e de respeito, e o membro passa a ser tratado com frieza. O que revela mais: a frase sobre a glória de Deus ou a reação à pergunta?

Jesus tocou nesse ponto com uma pergunta que atravessa os séculos: "Como podem crer, vocês que aceitam glória uns dos outros e não procuram a glória que vem do Deus único?" (Jo 5.44). E deu o critério para distinguir quem fala em nome de Deus de quem fala em nome próprio: "Quem fala por si mesmo está buscando a sua própria glória; mas o que busca a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há falsidade" (Jo 7.18). Paulo aplicou o mesmo critério a si mesmo, sem concessões: "Se ainda estivesse procurando agradar pessoas, eu não seria servo de Cristo" (Gl 1.10). E lembrou aos tessalonicenses o que a pregação dele nunca fora: "nunca usamos de linguagem de bajulação, nem de pretextos gananciosos", "jamais andamos buscando elogios das pessoas" (1Ts 2.5-6).

Para guardar

A glória que se aceita e a glória que se busca

Aceitar elogio não é pecado; Herodes pecou por aceitar adoração. Buscar reconhecimento não é pecado em si; o pecado é fazer dele o motor da vida religiosa. O critério de Jesus é simples de enunciar e difícil de viver: de quem eu procuro a glória?

Jo 5.44; Jo 7.18; Gl 1.10

APLICAÇÃO

Ninguém está imune

O orgulho cresce tanto no púlpito quanto nos bancos, tanto em quem exerce autoridade quanto em quem se orgulha de combater autoridades.

Seria cômodo terminar esta aula com uma lista de sinais para identificar narcisistas na igreja. Seria também uma traição ao texto. A parábola do fariseu e do publicano, que veremos na próxima aula, pode ser lida de modo farisaico: basta agradecer a Deus por não sermos como o fariseu. O mesmo vale aqui. Quem denuncia o orgulho alheio com prazer já está dentro do problema.

Há um narcisismo do púlpito, que usa o cargo. Há um narcisismo dos bancos, que usa a crítica e se sente superior por "não se deixar enganar". Há um narcisismo do zelo doutrinário, que despreza quem ainda não entendeu. E há um narcisismo da humildade exibida, que faz da modéstia uma vitrine. O discurso de modéstia não comprova humildade, assim como a segurança ao falar não comprova orgulho. O que revela o coração é a conduta ao longo do tempo e, sobretudo, a resposta à correção.

Jeremias sabia disso: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto. Quem poderá entendê-lo? Eu, o Senhor, sondeo o coração" (Jr 17.9-10). Por isso a atitude adequada não é a autoconfiança nem o desespero, mas a oração de Davi: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno" (Sl 139.23-24).

1 Quatro perguntas para a semana

O que acontece comigo quando não sou reconhecido? Consigo alegrar-me quando outro recebe o destaque que eu esperava? Como reajo quando alguém demonstra que eu estava errado? Quem pode discordar de mim sem medo?

2 Uma prática para a semana

Escolha um serviço e faça-o sem que ninguém saiba. Depois observe o que sente quando ninguém agradece. Jesus recomendou exatamente esse exercício (Mt 6.3-4), e a aula 2 vai tratar dele.

Para usar em grupo. Leiam juntos 2 Timóteo 3.1-5 e peçam que cada um escolha, em silêncio, o traço da lista que mais o incomoda em si mesmo, não nos outros. Depois leiam Salmo 139.23-24 em voz alta, como oração. Só então conversem sobre os cinco retratos bíblicos: o que Saul, Uzias, Nabucodonosor, Simão e Herodes têm em comum, e onde a graça aparece na história de cada um. Terminem com a pergunta inicial da aula, sem obrigar ninguém a responder em voz alta.

PARA LEVAR DA AULA

Narcisismo religioso é o uso da fé, do conhecimento bíblico, do cargo ou da imagem de santidade para sustentar a própria superioridade, obter admiração e manter o controle. A Bíblia o chama de forma de piedade sem poder e de idolatria de si mesmo. Não é um diagnóstico para os outros; é um exame que começa em mim. E a resposta de Deus a ele não é o desprezo, mas a graça que resiste aos soberbos para alcançá-los como humildes: "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes" (Tg 4.6).

FIXAÇÃO

Cartões de memorização

TG 4.6

Deus e os soberbos

Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. A humildade não é uma conquista; é o lugar em que a graça nos encontra.

DEFINIÇÃO

Narcisismo religioso

Padrão de atitudes em que a pessoa usa a fé, o conhecimento bíblico, o cargo ou a imagem de santidade para sustentar a própria superioridade, obter admiração e manter o controle sobre os outros.

TRÊS DISTINÇÕES

O que não pode ser confundido

Manifestações de orgulho (em qualquer cristão), padrões persistentes de abuso espiritual (exigem proteção e responsabilização) e o transtorno de personalidade narcisista (só se identifica com avaliação clínica).

GN 1.27

Dignidade não é orgulho

Deus criou o ser humano à sua imagem. Reconhecer o próprio valor é compatível com a humildade; o problema é fazer da própria importância a medida de todas as relações.

RM 12.3

A medida

Não pense de si mesmo além do que convém; pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um.

1SM 15.12,17

Saul

Levantou um monumento para si mesmo e cobriu a desobediência com sacrifícios. Samuel lembrou que ele fora escolhido quando era pequeno aos próprios olhos.

2CR 26.16,19

Uzias

Depois que se tornou poderoso, o coração dele se exaltou para a sua própria ruína. Invadiu o templo, indignou-se com a correção dos sacerdotes e saiu leproso.

DN 4.30,37

Nabucodonosor

Contemplou a Babilônia que "eu construí" e foi humilhado até reconhecer que Deus tem poder para humilhar os orgulhosos. A história termina em restauração.

AT 8.9-23

Simão

Dizia ser alguém muito importante e quis comprar o poder de conferir o Espírito. Pedro viu o coração torto, mas também abriu a porta: arrependa-se e ore.

AT 12.22-23

Herodes

Aceitou o grito "é voz de um deus" e morreu por não dar glória a Deus. Aceitar a adoração é o último degrau da escada.

2TM 3.5

Forma de piedade

A lista dos tempos difíceis começa nos egoístas e termina em quem tem forma de piedade, mas nega o poder dela. Timóteo já precisava discernir essas pessoas.

RM 1.25

Idolatria de si

Adorar e servir a criatura em lugar do Criador. Quando a criatura sou eu mesmo, o vocabulário pode continuar cristão e o centro já mudou.

JO 7.18

O critério de Jesus

Quem fala por si mesmo busca a própria glória; quem busca a glória de quem o enviou é verdadeiro. Um teste para pregadores, e também para ouvintes.

SL 139.23-24

A oração do exame

Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração. O exame do orgulho não começa na autoconfiança nem no desespero, mas na oração.

AVALIAÇÃO

Teste o que você aprendeu

A alternativa correta está marcada com [certa]. Os comentários ajudam a rever a aula.

1. Nesta aula, o que se chama de narcisismo religioso?

a) Qualquer manifestação de vaidade em um cristão

Um episódio de vaidade precisa ser confrontado, mas não configura o padrão. A aula distingue três coisas: orgulho comum, abuso persistente e transtorno clínico.

b) O transtorno de personalidade narcisista, diagnosticado pela igreja

A igreja não diagnostica; isso depende de avaliação clínica feita por profissional. O curso trata do comportamento moral e espiritual descrito nas Escrituras.

c) Um padrão de atitudes em que a fé, o conhecimento bíblico, o cargo ou a imagem de santidade servem para sustentar a própria superioridade, obter admiração e manter controle [certa]

Isso mesmo. As três finalidades (superioridade, admiração e controle) são a marca do padrão; a religião continua presente, mas a pessoa passou a ocupar o centro.

d) A confiança de um líder ao tomar decisões firmes

Segurança ao falar e firmeza não são provas de narcisismo. O que revela o coração é a conduta ao longo do tempo e a resposta à correção.

2. Segundo 2 Timóteo 3.1-5, o que caracteriza as pessoas dos "tempos difíceis"?

a) Uma lista de traços que começa no egoísmo e termina numa forma de piedade que nega o poder dela [certa]

Correto. A lista abre com "egoístas" e fecha com "tendo forma de piedade, mas negando o poder dela". Não é ausência de religião; é religiosidade sem transformação.

b) A ausência completa de religião

O texto diz o contrário: essas pessoas têm forma de piedade. O problema é a forma sem o poder.

c) A perseguição vinda de fora da igreja

O problema descrito é interno. Paulo manda Timóteo ficar longe dessas pessoas, que já estavam no horizonte dele em Éfeso.

d) A falta de conhecimento bíblico

A lista não fala de ignorância, e sim de caráter: egoístas, orgulhosos, arrogantes, sem domínio de si.

3. Por que a aula lê Romanos 1.21-25 como texto sobre narcisismo religioso?

a) Porque o texto menciona Narciso

Não menciona. O nome vem do mito grego, não da Bíblia; a aula usa o termo com sentido moral e espiritual delimitado.

b) Porque condena a psicologia moderna

O texto não trata disso, e a aula reconhece o valor da avaliação clínica no seu lugar próprio.

c) Porque prova que todo orgulhoso adora estátuas

A idolatria descrita é mais profunda que uma estátua: é trocar o Criador pela criatura, e pode acontecer sem imagem nenhuma.

d) Porque descreve a troca do Criador pela criatura; quando a criatura adorada é o próprio eu, o resultado é a idolatria de si mesmo, mesmo com vocabulário cristão [certa]

Correto. Os três tempos do texto (não glorificar a Deus, trocar a sua glória, servir a criatura) descrevem o centro errado em torno do qual tudo passa a girar.

4. O que os cinco retratos bíblicos (Saul, Uzias, Nabucodonosor, Simão e Herodes) têm em comum?

a) Todos foram líderes da igreja cristã

Saul, Uzias e Nabucodonosor são do Antigo Testamento; Simão e Herodes não eram líderes da igreja. O que os une é o movimento do coração, não o cargo.

b) A bênção ou o poder recebido virou monumento a si mesmo, e a religião foi usada como cobertura ou instrumento [certa]

Isso mesmo. Nenhum deles era irreligioso; o que receberam virou monumento a si mesmos, e a religião passou a servir a esse fim.

c) Todos terminaram sem nenhuma possibilidade de arrependimento

Nabucodonosor foi restaurado, Simão ouviu um chamado ao arrependimento e Uzias recebeu tempo de vida. A porta da graça não se fechou antes da hora.

d) Todos pecaram por falta de sucesso

Foi o contrário. Em Uzias o texto é explícito: depois que se tornou poderoso, o coração dele se exaltou para a sua própria ruína.

5. De acordo com a aula, qual é a atitude correta diante do risco de orgulho no próprio coração?

a) Confiar que quem serve na igreja está automaticamente protegido

A aula diz que o orgulho cresce no púlpito e nos bancos, em quem exerce autoridade e em quem a combate. Ninguém está imune.

b) Desesperar-se, porque o coração é enganoso e nada pode ser feito

Jeremias diz que o coração é enganoso, mas acrescenta que o Senhor o sonda. O remédio é a oração e o exame, não o desespero.

c) A oração do Salmo 139, pedindo que Deus sonde o coração, unida ao exame da própria conduta e da reação à correção [certa]

Correto. Nem autoconfiança nem desespero: oração e exame, com atenção especial à maneira como reagimos quando somos corrigidos.

d) Fazer uma lista de sinais para identificar narcisistas na congregação

A aula recusa esse uso. Quem denuncia o orgulho alheio com prazer já está dentro do problema; o exame começa em quem o faz.

6. Um membro conta, entusiasmado, que "finalmente aprendeu a identificar os narcisistas da igreja" e já tem uma lista de nomes. Qual resposta segue o espírito desta aula?

a) Pedir a lista para conferir se os nomes estão certos

Isso transforma o estudo em instrumento de acusação, exatamente o que a aula recusa desde a primeira seção.

b) Lembrar que o curso começa em quem o faz, propor que ele releia 2 Timóteo 3 olhando para si mesmo e, se houver abuso real, encaminhar o relato para uma apuração cuidadosa [certa]

Correto. O autoexame vem primeiro, sem descartar a proteção de quem sofre: abuso persistente exige apuração e responsabilização, não uma lista informal.

c) Dizer que orgulho é problema de cada um e que ninguém deve ser confrontado

A aula distingue orgulho comum de abuso persistente, que exige proteção e responsabilização. Não se trata de silenciar ninguém.

d) Afirmar que só um psicólogo pode falar do assunto

O diagnóstico clínico é do profissional, mas o comportamento moral e espiritual é assunto das Escrituras e da igreja.

PARA PENSAR E CONVERSAR

Perguntas para reflexão

O que acontece comigo quando não sou reconhecido, quando outro recebe o destaque que eu esperava ou quando alguém demonstra que eu estava errado?

Resposta sugerida

Responda por escrito, e com exemplos recentes, não com princípios. Um princípio ("devemos nos alegrar com o sucesso dos outros") não revela nada; um episódio revela muito: a reunião em que outro foi elogiado, a crítica que recebeu na semana passada, o convite que não veio.

Observe três coisas em cada episódio: o que você sentiu na hora, o que fez com o sentimento (calou, justificou, atacou, procurou um aliado) e quanto tempo levou para se recompor. O sentimento em si não é pecado; Jesus foi entristecido e irado. O que revela o coração é o que fazemos com ele e quanto ele governa a conduta.

Depois, leve o resultado a Deus com a oração do Salmo 139. O exame não termina em nós mesmos; termina em quem sonda o coração e dá graça aos humildes.

Um irmão diz que falar em "narcisismo religioso" é psicologizar a fé e desrespeitar os pastores. Como responder com mansidão?

Resposta sugerida

Comece reconhecendo o que há de verdadeiro na objeção. A palavra é moderna, vem da psicologia e pode ser usada de modo leviano, como rótulo para qualquer pessoa de quem discordamos. A aula diz isso desde o início e recusa esse uso.

Depois, mostre que a coisa é antiga, ainda que a palavra seja nova. Paulo descreve pessoas com forma de piedade que negam o poder dela (2Tm 3.5); João fala de Diótrefes, que gosta de exercer a primazia (3Jo 9); Ezequiel fala de pastores que apascentam a si mesmos (Ez 34.2). A Bíblia trata o assunto com mais dureza do que qualquer manual de psicologia. Estudar isso não é desrespeitar pastores; é levar a sério o que a Escritura exige de quem pastoreia.

Por fim, convide o irmão a fazer o curso junto, com o compromisso que a aula pede: começar o exame por si mesmo. Quem faz assim não sai da aula com uma lista de nomes; sai com uma lista de perguntas para o próprio coração.

Uzias se indignou quando os sacerdotes o corrigiram. Como distinguir, na prática, a firmeza de uma liderança da indignação de quem não aceita correção?

Resposta sugerida

A firmeza explica as razões e as submete a exame; a indignação de Uzias trata a correção como afronta à posição. Os sacerdotes não questionaram o reinado de Uzias; questionaram um ato específico, com base na lei, e ofereceram a saída ("saia do santuário"). A resposta firme seria ouvir, conferir a lei e recuar. A resposta de Uzias foi levantar o incensário.

Na prática, três sinais ajudam. Primeiro: a pessoa responde ao conteúdo da correção ou à pessoa que a fez? Segundo: ela consegue dizer, com precisão, em que ponto foi corrigida e o que vai mudar? Terceiro: como ela trata quem a corrigiu nas semanas seguintes? A firmeza não precisa ter razão sempre; precisa ser capaz de reconhecer quando não tem.

Isso vale para o líder e para quem o corrige. Corrigir com base na Palavra, com respeito pela função e com uma saída concreta, como fizeram os sacerdotes, é muito diferente de acusar. A aula 5 tratará dos textos bíblicos sobre a correção de dirigentes.

O que é narcisismo religioso · Aula 1 de 7 do curso Narcisismo religioso. As citações bíblicas seguem a Nova Almeida Atualizada.

Igreja Metodista Livre do Brasil · metodistalivre.org.br/narcisismo-religioso-o-que-e/

Redigido com auxílio de inteligência artificial, sob orientação, revisão e responsabilidade editorial do Bispo Ildo Mello.